

Tinturaria natural: flora endêmica portuguesa da família Anacardiácea

O interesse crescente pelos consumidores para fios naturais com recurso à tinturaria natural deve ser acompanhado pelo estudo de espécies tintureiras da flora nacional, rica neste tipo de plantas. Se umas eram antigamente utilizadas, outras há que, pelas suas características e boa adaptação às condições edafoclimáticas de Portugal, podem ser uma boa opção.

José António Passarinho & Maria Elvira Ferreira
INIAV, I.P.



A apetência dos consumidores pelas fibras naturais e a sua preocupação com questões relacionadas com a preservação do meio ambiente e com a saúde têm aumentado a procura de têxteis tingidos com corantes naturais. O setor agrícola europeu tem vindo a responder, de forma entusiástica, a esta demanda de novas matérias-primas, mas a produção está ainda muito abaixo das necessidades.

Em Portugal, apesar de até ao início do século XX ter havido uma atividade importante na tinturaria natural, ainda persistem algumas empresas que lidam com este tipo de produtos, mas têm falta de matéria-prima. Existem no país algumas plantas endêmicas que foram no passado usadas em tinturaria, como, por exemplo, *Reseda luteola* L., *Isatis tinctoria* L., *Serratula tictoria* L., *Flueggea tinctoria* (L.) G.L. Webster, *Rubia tinctorum* L. e *Carthamus tinctorius* L., e que deixaram de ser cultivadas com o advento dos corantes sintéticos, mas que poderão vir a ser recuperadas, com a garantia de que a sua produção é possível desde que seja economicamente sustentável.

Outras espécies da flora nativa podem vir a ser estudadas para a produção de corantes e pigmentos. Neste sentido, iniciámos uma recolha de informação sobre as plantas da família Anacardiácea, que em Portugal tem duas espécies endêmicas, a *Pistacia lentiscus* L. e a *Pistacia terebinthus* L., e uma naturalizada, a *Rhus coriaria* L., e que estão distribuídas pelo país.

Aroeira – *Pistacia lentiscus* L.

Etimologia – o epíteto genérico deriva do grego *pistákê*, adaptado ao latim como *pistacia*. O nome *Pistacia* foi adoptado por Carolus Linnaeus (1737) em substituição de *Terebinthus*, que lhe tinha sido atribuído por Tournefort (1694, 1700).



Figura 1 – Aroeira (*Pistacia lentiscus* L.).
Autor: Marta Saraiva

Outros nomes vulgares – alfofigueiro, almessigeira, almessigueiro, árvore-do-mástique, darmacho, daro, daroeiro, lentisco, lentisco-verdadeiro, moita-do-dro. Em inglês denomina-se *mastic tree*.

Distribuição e habitat – planta da flora europeia que vegeta na bacia mediterrânica. Em Portugal, existe em quase todo o território continental, especialmente no Centro e Sul (sendo rara no Alto Douro), em zonas com diversos tipos de matos e matagais esclerófilos, principalmente em carrascais. Também em bosques perenifólios, onde atinge o porte arbóreo. Vegeta em diversos tipos de substrato, mas tem preferência pelos de origem calcária. Distribui-se a partir do litoral para o interior.

Planta – espécie dioica com porte de arbusto ou pequena árvore até 6 m, muito ramosa e glabra. Folhas persistentes, glabras, compostas, 4-14 folíolos de 10-50 × 5-24 mm, opostos e sésseis, com forma elítica a lanceolada, coriáceos de cor verde-escura. Inflorescência de 2-5 cm, densa; flores de cor verde ou avermelhada; floresce de março a maio. Fruto globoso, apiculado, de 3,5-5 mm, primeiro de cor avermelhada e quan-

do maduro negra, com pequenas sementes comprimidas. A maioria das espécies de *Pistacia* desenvolve, com frequência, frutos partenocárpicos, abortados.

Características fisiológicas – planta muito resistente à seca e à intensidade luminosa. Devido a estas características, desempenha uma função importante na constituição de biótopos (associação de comunidades biológicas) com elevado risco de virem a degradar-se, tornando-se desertos.

Utilização – as folhas, os caules, as flores e os frutos são muito ricos em taninos e outros compostos fenólicos. Estes compostos conferem às plantas deste género propriedades medicinais e utilitárias com uso desde a Antiguidade. Do caule, por incisão, obtém-se uma resina (oleoresina) designada por terebentina de Quio ou mástique, usada como masticário ou goma de mascar desde a Grécia Antiga. Pelo seu carácter adstringente, usava-se para tratamentos bucais (preenchimento de cáries), estomacais, eczema e outras afeções.

Antigamente, na zona Mediterrânica, obtinha-se dos frutos um óleo usado para iluminação e alimentação. A resina era usada para o fabrico de verniz e da sua destilação extrai-se o terebinto, mais conhecido como aguar-rás. Pelo seu elevado teor de taninos, que se podiam obter por maceração ou secagem dos vários tecidos das plantas, era útil na curtimenta de peles e no tingimento de tecidos. Cultivada na ilha grega de Quio para a elaboração de um licor típico, o *ouzo*, que é aromatizado com resina de aroeira, sementes de anis, coentro e cravo ou canela.

Cornalheira – *Pistacia terebinthus* L.

Etimologia – o epíteto específico deriva do grego *terébinthos*, usado como nome da planta, adaptado ao latim como *terebinthus* e atribuído por Tournefort (1694, 1700) ao género hoje designado por *Pistacia*.

Outro nome vulgar – terebinto. Em inglês denomina-se *turpentine tree*.

Distribuição e habitat – planta da flora europeia que vegeta na bacia mediterrâni-



Figura 2 – Cornalheira (*Pistacia terebinthus* L.).
Autor: JD Almeida (<https://flora-on.pt/index.php#/hlenC>)

ca. Em Portugal, existe em todo o território continental, em zonas com diversos tipos de matos esclerófilos em encostas pedregosas, afloramentos rochosos e cascalheiras. Também em bosques esclerófilos, perenifólios e de folha marcescente, onde atinge o porte arbóreo. Vegeta em diversos tipos de substrato. A planta é pouco abundante na faixa litoral (até 50 km do litoral) e distribui-se mais para o interior.

Planta – espécie dioica com porte de arbusto ou pequena árvore até 5 m de altura, de copa arredondada. Folhas caducas, compostas com 3 a 11 folíolos de 20-80 × 15-35 mm, opostos e sésseis, com forma ovada a elítica, coriáceos, de cor verde-escura. Inflorescências com cerca de 20 cm, sendo a masculina mais curta e compacta e a feminina, em forma de cacho, mais aberta e de pedúnculo longo, com flores de cor parda ou avermelhada e floração de abril a maio. Fruto de 5-9 × 4-8 mm, ovoide, apiculado, ligeiramente carnudo, primeiro avermelhado e quando maduro verde-azulado, quase negro. As sementes são pequenas e comprimidas. Alguns frutos são estéreis, de cor avermelhada e permanecem na planta.

Características fisiológicas – planta menos resistente à seca e à intensidade luminosa do que *P. lentiscus*. Não se encontra nas regiões muito secas do país.

Utilização – tal como na espécie anterior, toda a planta é muito rica em taninos e outros compostos fenólicos, conferindo-lhe propriedades medicinais (tratamentos bucais e intestinais) e utilitárias (extração de resina para o fabrico de verniz de onde, por destilação, se extraia o terebinto).

A picada de insetos nas folhas provoca a formação de galhas, com vários formatos, nomeadamente com a forma de corno de cabra retorcido (que lhe confere o nome vulgar de cornalheira), de cor vermelha, ricas em triterpenos (com uso em medicina).

Esta espécie tem sido utilizada como porta-enxerto de *P. vera* (pistaceira). A madeira foi usada em marcenaria. A resina é semelhante à da *P. lentiscus*.

Sumagre – *Rhus coriaria* L.

Etimologia – o epíteto genérico *Rhus* deriva do grego *rhoûs*, que significa correr, fluir, pelo facto de a seiva escorrer nos caules ou, com maior probabilidade, pelo seu poder adstringente e antidiarreico. *Coriaria* deriva do grego *corius*, que significa couro, pois a planta era usada no curtimento do couro. Em inglês denomina-se *sumac*.

Distribuição e habitat – planta da flora europeia que vegeta na região mediterrânica oriental, naturalizada na zona ocidental. Planta ruderal, sítios rochosos e matos a baixa altitude, rara em solos de origem calcária. Com preferência por locais quentes e soalheiros, na Terra Quente e vale do Douro, Beira Interior, Alentejo e Algarve. Cultivada em Portugal a partir do século XVIII, sobretudo na região do Alto Douro e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Adaptou-se bem às encostas soalheiras do Douro e, no século seguinte, foi plantada nos socos infetados pela filoxera (mortórios). Presentemente, ocupa aí terrenos abandonados, constituindo sumagrais.

Planta – árvore exótica com 4-5 m, poligamodioica, raramente hermafrodita, ereta, ramosa, ramos vilosos, com canais laticíferos. Folhas caducas ou semicaducas, alternas, compostas com 7-21 folíolos de 10-50 mm, com forma ovada a oblonga, com margem crenada-serrada, coriáceos, de cor verde-acinzentada e pilosos na página inferior. Inflorescências de pequenas flores brancas-esverdeadas dispostas em panículas terminais, sendo as femininas compactas, com



Figura 3 – Sumagre (*Rhus coriaria* L.)
Autor: JD Almeida (<https://flora-on.pt/index.php#/hS3kG>)

8-15 cm e as masculinas mais abertas, com 17-25 cm. A floração ocorre de maio a junho. Fruto de 4-6 mm, lenticular, ligeiramente carnudo, hispido de cor parda-avermelhada.

Características fisiológicas – depois de abandonada como cultura, esta espécie apresenta características de invasora, em vinhas e pomares.

Utilização – era utilizada para extrair taninos (galotaninos) usados na curtimenta de peles e couros até ao início do século XX. A rama era cortada, seca ao sol e moída em atafonas (moinhos de pedra movidos por animais), que ainda existem, nomeadamente, na região de Foz Côa. A riqueza em taninos atinge 25-30%. Distinguem-se duas variedades, denominadas localmente por macho e fêmea, sendo esta a que apresenta menor teor de taninos.

O corante extraído da casca proporciona tons de amarelo e vermelho e o extraído dos frutos, a cor negra. Os frutos moídos integram a mistura de especiarias denominada *za'atar*, usada como condimento para adicionar acidez (rico em ácido málico) e picante às saladas e à carne, especialmente no Médio Oriente e na Bacia Mediterrânica. Foi usado para tempero, antes de o limoeiro ter chegado à Europa.

Nota final

Sendo reconhecido que o uso de corantes naturais é ambientalmente mais recomendado que os sintéticos, o regresso à tinturaria natural deve ser promovido e apoiado. O cultivo de plantas tintureiras promove a diversificação agrícola e pode ser uma fonte alternativa ou complementar de rendimento para o produtor, contribuindo para o desenvolvimento económico de uma região.

A riqueza da flora nacional em plantas que, para além de outras utilizações, podem ser produzidas para este fim, deve ser aproveitada e estudada, o que permitirá manter paisagens culturais e provavelmente um melhor futuro. ☺

Bibliografia

- Bechtold, T.; Mussak, R. (Eds) (2009). *Handbook of Natural Colorants*. John Wiley & Sons, Ltd. UK, 434 p.
- Castroviejo, S. et al. (coord.-ed.) (1986-2005). *Flora Ibérica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares, vols. I-XXI*, Madrid, Real Jardín Botánico, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Flora digital de Portugal - <https://jb.utad.pt/flora>.
- Flora-on - <https://flora-on.pt/>.
- Franco, J.A. (1984). *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. Vol. I. Lisboa, 648p.
- Kaiser, R. (1993). Dye Plants, Their Cultivation and Use in Germany. In: Marshall, G.; Svoboda, K. (Eds). *Proceedings of an EC Workshop "The production and Impact of specialist minor crops in the rural community"*. Brussel, Belgium, pp 75-83.